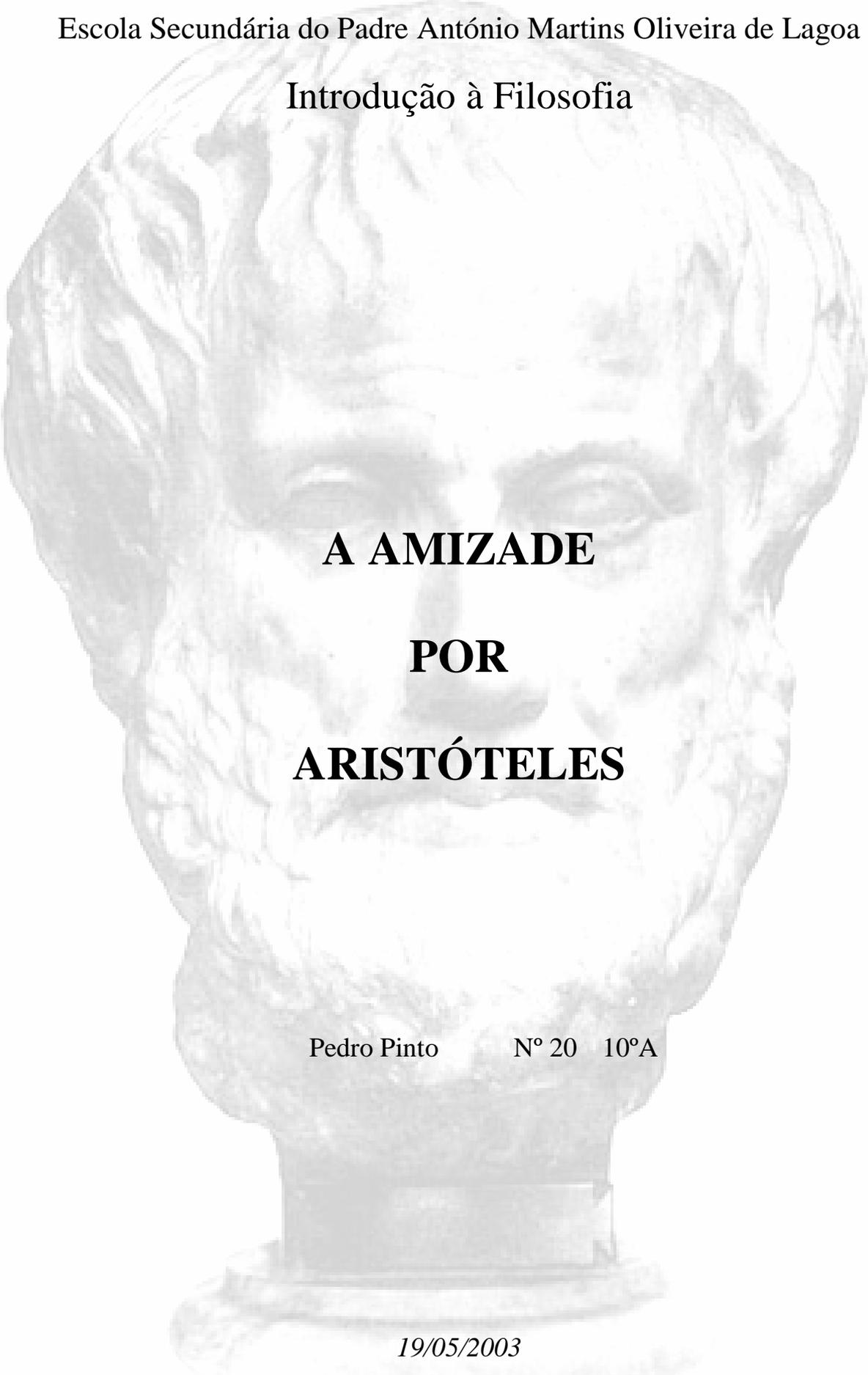


Escola Secundária do Padre António Martins Oliveira de Lagoa

Introdução à Filosofia



A AMIZADE
POR
ARISTÓTELES

Pedro Pinto N° 20 10ºA

19/05/2003

Introdução

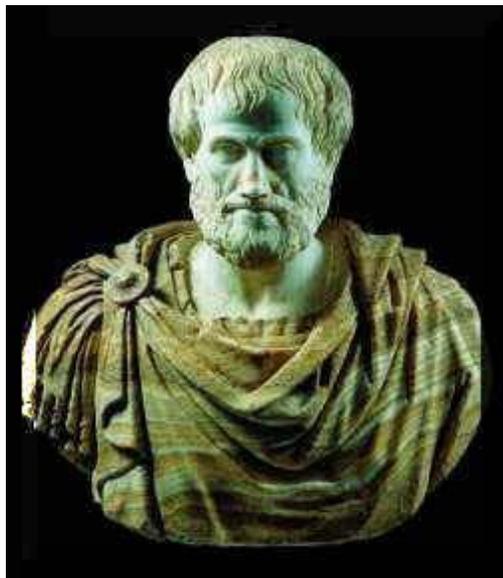
O tema solicitado foi a Amizade na perspectiva de Aristóteles, assim a nossa pesquisa vai recair sobre “A Ética a Nicomaco”, é segundo alguns filósofos o mais importante estudo de Aristóteles sobre a moralidade pessoal e o propósito da vida humana, embora escrita há mais de 2.000 anos, oferece valiosas perspectivas das necessidades e das condutas humanas.

O trabalho é apresentado com uma breve biografia de Aristóteles, dado que é importante conhecer um pouco do homem extraordinário e de ideias tão actuais, que quase nos faz pensar que se trata de um filósofo actual.

Neste trabalho vamos tentar clarificar o tema Amizade, como os seus tipos, segundo Aristóteles.

Um pouco sobre Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.)

É difícil classificar Aristóteles, tão rica e multifacetada foi a sua obra. Nela encontramos uma exaustiva compilação dos conhecimentos do seu tempo, mas também, uma filosofia que ainda hoje influencia a nossa maneira de pensar. Nasceu em Estagira (e por isso é também conhecido por "Estagirita"), colónia fundada pelos calcidenses da Eubeia. Era filho de Nicómaco, médico que se dizia descendente do próprio Asclépio, e fora outrora médico de Amintas



II, rei da Macedónia. Por morte do pai (366) viajou para Atenas afim de aí prosseguir os seus estudos. Entre a Escola retórica de Isócrates e a Academia de Platão, escolheu a última, onde acaba por ascender a professor. Após a morte de Platão, em 347, abandonou a Academia provavelmente por divergências quanto à escolha de Espeusito, sobrinho de Platão, para a direcção da escola.

Iniciou então uma atribulada viagem que o levou a Assos, na Ásia Menor, onde se estabelecera uma comunidade de alunos da Academia, protegida pelo tirano Hermias, rei de Atárnea. Este possibilita-lhe o contacto com a organização interna e externa de um Estado (347-345). Casa entretanto com Pítias, sobrinha de Hermias. A sua permanência foi subitamente interrompida, quando os persas suspeitando que Hermias estava a colaborar com os macedónios, decidem crucificá-lo em Persópolis (345). Aristóteles foge, refugiando-se em Mitilene, na ilha de Lesbos, onde se dedica ao estudo da biologia.

Filipe da Macedónia - conquistador da Grécia -, devido à notoriedade que entretanto adquirira, chama-o para preceptor do seu filho Alexandre, futuro herdeiro do trono (343). A sua influência sobre o jovem príncipe foi enorme. Alexandre revelou-se um aluno apaixonado pelos autores clássicos (diz-se que adormecia com a Ilíada de Homero, debaixo da almofada, e até sonhava ser como um dos seus heróis, Aquiles). Manifestou igualmente interesse pelas discussões filosóficas, a investigação da

natureza, a medicina, a zoologia, a botânica, fazendo-se acompanhar nas suas expedições militares por um grupo de investigadores.

Quando Alexandre subiu ao trono (335), Aristóteles regressou a Atenas, onde criou a sua própria escola, o Liceu. Foi-lhe dado este nome porque estava situada junto ao templo dedicado a Apolo Liceano. Os estudos concentravam-se sobre o que hoje poderíamos denominar "ciências naturais", ao contrário da Academia, onde era dada grande importância à geometria. Tinha dois tipos de cursos, os "exotéricos" para o público, e os "esotéricos" destinados apenas a alunos iniciados nas várias matérias. O liceu era um verdadeiro centro de investigação, apoiado por Alexandre. Nele Aristóteles e os seus discípulos recolhiam informações acerca de tudo, organizando depois estes dados num sistema global.

A morte de Alexandre, em 321, desencadeia uma guerra de libertação entre os gregos e os macedónios que dominavam a Grécia desde Filipe. Aristóteles, como era de esperar foi então acusado de colaborador dos macedónios, é perseguido, refugiando-se em Cálcis, na Eubeia, onde morre no ano seguinte com 63 anos. A direcção do Liceu, após a sua saída foi confiada ao seu discípulo Teofrasto. Entre os seguidores do Liceu, destacam-se Eudemo de Rodes, e, no século I, Andrónico de Rodes.

Aristóteles escreveu um grande número de obras para o público não iniciado na filosofia, sob a forma de diálogos, à semelhança do seu mestre Platão. Contudo nenhum chegou até nós. As únicas "obras" que sobreviveram são constituídas pelos seus apontamentos que escreveu para as suas aulas no Liceu.

A Amizade por Aristóteles

Para Aristóteles, a amizade é uma forma de excelência moral ou é coexistente com a excelência moral, além de ser extremamente necessária na vida. Ninguém deseja viver sem amigos, mesmo dispondo de todos os outros bens: achamos até que as pessoas ricas e as ocupantes de altos cargos e as detentoras do poder são as que mais necessitam de amigos; realmente, de que serve a prosperidade sem a oportunidade de fazer benefícios, que se manifesta principalmente e na sua mais louvável forma em relação aos amigos? Ou, então, como pode a prosperidade ser protegida e preservada sem amigos? Quanto maior ela for, mais exposta estará aos riscos. Os amigos também ajudam os jovens a evitar os erros, e ajudam as pessoas idosas, amparando-as nas suas necessidades e a suplementar a sua capacidade de acção reduzida pela velhice. Quando as pessoas são amigas, não precisam de justiça, enquanto mesmo quando são justas elas necessitam de amizade; considera-se que a mais autêntica forma de justiça é uma disposição amistosa. E a amizade não é somente necessária; ela também é nobilitante, pois louvamos as pessoas amigas dos seus amigos, e pensamos que uma das coisas mais nobres é ter amigos; além disto, há quem diga que a bondade e a amizade se encontram nas mesmas pessoas.

Alguns definem a amizade como uma espécie de semelhança entre as pessoas e dizem que as pessoas semelhantes são amigas. Heteróclitos, em contraste, diz: “Os contrários andam juntos”, “A mais bela harmonia é feita de tons diferentes”. Outros sustentam que o semelhante busca o seu semelhante. A questão da amizade pode ser esclarecida se analisarmos o objecto do amor.

Parece que nem todas as coisas são amadas, mas somente aquelas que merecem ser amadas, e estas são o que é bom, ou agradável, ou útil; parece, porém, que o útil é aquilo de que resulta algum bem ou prazer, de tal forma que somente o bom e o agradável merecem ser amados como fins. Que será que as pessoas amam: aquilo que é realmente bom, ou o que é bom para elas? Às vezes estas duas coisas antagónicas, e o mesmo acontece em relação ao agradável.

A palavra amizade não se aplica a coisas inanimadas, já que neste caso não existe reciprocidade de afeição, e também não haverá o desejo pelo bem de um objecto. Há três espécies de amizade, em número igual às qualidades que merecem ser amadas, já que uma afeição recíproca, conhecida por ambas as partes (isto é, duas pessoas são

amigas, não pelo que cada uma delas pode fazer, mas por causa do prazer que cada uma delas proporciona à outra, por exemplo, uma conversa inteligente), pode basear-se em cada uma das três qualidades, e quando duas pessoas se amam elas desejam bem uma a outra referindo-se à qualidade que fundamenta a sua amizade, este é o mais perfeito e mais estável tipo de amizade, e pode ser considerado como amizade no mais verdadeiro sentido da palavra.. Os amigos cuja afeição é baseada no interesse não amam um ao outro por si mesmos, e sim por causa de algum proveito que obtêm um do outro. Tais amizades desfazem-se facilmente se as pessoas não permanecem como eram inicialmente, pois se uma delas já não é agradável ou útil a outra para de amá-la.

O principal motivo, para Aristóteles, da amizade entre os jovens parece ser o prazer, pois eles vivem sob a influência das emoções e perseguem acima de tudo o que lhes é agradável e o que está presente; mas os seus prazeres mudam à medida que a idade aumenta. É por isso que eles se tornam amigos e deixam de ser amigos rapidamente, a sua amizade muda com o objecto que acham agradável.

A amizade perfeita é a existente entre as pessoas boas e semelhantes em termos de excelência moral; neste caso, cada uma das pessoas quer bem a outra de maneira idêntica, porque a outra pessoa é boa, e elas são boas em si mesmas. Então as pessoas querem bem aos seus amigos por causa deles são amigas no sentido mais amplo, pois querem bem por causa da própria natureza dos amigos, e não por acidente; logo, a sua amizade durará enquanto estas pessoas forem boas, e ser bom é uma coisa duradoura.

Cada uma das pessoas neste caso é boa incondicionalmente e boa em relação ao seu amigo, pois as pessoas boas são boas incondicionalmente e são reciprocamente agradáveis. O amor e a amizade, portanto, ocorrem principalmente na sua melhor forma entre tais pessoas.

Quando uma amizade é por prazer ou por interesse, mesmo duas pessoas más podem ser amigas, ou então uma pessoa boa e outra má, ou uma pessoa que não é nem boa e em má pode ser amiga de outra de qualquer espécie; mas pelo que são em si mesmas é obvio que somente pessoas boas podem ser amigas. Na verdade, pessoas más não gostam uma da outra a não ser que obtenham algum proveito recíproco.

A amizade mais sincera é a que existe entre as pessoas boas, pois aquilo que é incondicionalmente bom e agradável parece ser estimável e desejável, e para cada pessoa o bom ou o agradável é aquilo que é bom ou agradável para ela. Parece que o amor é uma emoção e amizade é uma disposição de carácter.

A amizade aparece com menor frequência entre as pessoas amargas e idosas, porque elas são mal dispostas e menos propensas à sociabilidade, enquanto a boa disposição e a sociabilidade são as principais características causas da amizade. Mas tais pessoas demonstram boa vontade mutuamente, pois se desejam bem e se ajudam em caso de necessidade; dificilmente, porém, se pode chamá-las de amigas, porque elas não passam juntas os seus dias nem sentem prazer na convivência, e estas circunstâncias são consideradas as características mais importantes da amizade.

A maioria das pessoas, por causa de sua ambição, parece que prefere ser amada a amar, e é por isso que a maioria gosta de ser elogiada; efectivamente, o elogiador é um amigo de qualidade inferior, ou que tem a pretensão de ser amigo e quer estimar mais do que ser estimado; ser estimado é quase a mesma coisa que receber honrarias, e é a estas que a maioria das pessoas aspira. Mas parece que a maioria escolhe as honrarias por acidente e não por si mesmas. Tais pessoas gostam de ser distinguidas pelos detentores do poder, embaladas pelas suas esperanças. A amizade, para Aristóteles, parece consistir mais em amar do que em ser amado, e a prova disto é o encantamento que as mães sentem na sua amizade pelos filhos; de facto, algumas mães confiam os seus filhos a uma ama para serem criados. Já que a amizade depende mais de amar do que ser amado, e são as pessoas que amam os seus amigos que são louvadas, amar parece ser uma característica da excelência moral dos amigos, de tal forma que somente as pessoas em que tais características estão presentes na medida certa são amigas constantes, e somente sua amizade é duradoura.

A amizade dos filhos para com os pais, como a devoção dos homens pelos deuses, é a amizade por aquilo que é bom e superior, pois os pais proporcionam os maiores benefícios aos filhos, sendo os responsáveis por a sua existência e por a sua subsistência.

A amizade entre marido e mulher parece existir por natureza; de facto, o homem é naturalmente propenso a acasalar-se, mais ainda do que a constituir cidades, porque o lar preexiste à cidade e é mais necessário que ela, e o instinto de procriação é comum aos homens e aos animais irracionais com mais intensidade que os outros. Tanto a utilidade quanto o prazer parecem estar presentes nesta espécie de amizade.

Existem divergências nas amizades baseadas na superioridade de uma das partes em relação à outra; cada parte espera obter nelas mais que a outra, mas quando isto acontece a amizade desfaz-se. Pensa-se que deveria acontecer na amizade o mesmo que ocorre numa parceria comercial, onde aqueles que entram com mais dinheiro devem sair

com mais lucro. Mas as pessoas inferiores ou necessitadas têm pretensões opostas a estas; elas pensam que compete a um bom amigo ajudar os amigos necessitados; de que vale sermos amigos de uma pessoa boa ou poderosa, dizem elas, se nada se obtém com isso.

Para Aristóteles a amizade é uma das virtudes primordiais para o homem, pois pensa-se que este deve ter uma vida agradável para ser feliz e esta depende justamente também da amizade, a qual enobrece e fortalece moralmente o homem e os que com ele convivem.

Conclusão

As pessoas não se modificaram significativamente desde que Aristóteles ensinou ética no liceu de Atenas. Os tipos humanos e os problemas de que ele fala são do conhecimento de toda a gente. As regras de conduta e as explicações sobre virtude e a bondade que ele propõe podem ajudar o homem moderno a alcançar uma compreensão mais completa e satisfatória das suas responsabilidades como membro da sociedade. Só por isso, ainda vale a pena ler a obra de Aristóteles.

Aristóteles distingue a amizade em três tipos, as amizades baseadas na utilidade mútua, as amizades baseadas no prazer mútuo, sendo estas duas amizades imperfeitas e tendo uma curta duração, por fim a amizade entre homens bons de virtude ou excelência semelhante, sendo esta última perfeita, por muitos motivos, e todos eles dependem dos tipos de utilidade ou prazer que constituem as suas bases. A amizade perfeita é o mais perfeito e estável tipo de amizade, sendo o mais difícil de alcançar, é uma amizade benéfica, mas extremamente rara. Existe outro tipo de amizade, em que as partes são desiguais, onde nenhuma das partes espera, nem deve esperar, receber benefícios iguais do relacionamento. Em todas as amizades em que as partes são desiguais, o sentimento de afecto entre elas é nivelado segundo uma razão ou proporção. A igualdade é a essência da amizade.

Bibliografia

- MILCH, Robert, *Cliffs Notes on Aristotle's Ethics*, Publicações Europa-América, Portugal, 1996
- SILVA, Fernando Correia, et al., *Oitenta Vidas Que a Morte Não Apaga*, Publico, Mirandela, 1997, pp. 45-48
- REIS, Alfredo, et al., *Rumos da Filosofia*, Edições Rumo, Lisboa, Agosto 2002
- ANTUNES, Alberto, et al., *Filosofia – 10.º Ano*, Editorial Presença, Lisboa, 2003
- Enciclopédia LOGOS*
- CRESSON, André, *Aristóteles*, Edições 70
- ALLAN, D. J., *A filosofia de Aristóteles*, Editorial Presença, Viseu, 1983
- CLÉMENT, Elisabeth, et. al., *Dicionário Prático de Filosofia*, Terramar, Lisboa, Janeiro 1999, pp. 19-20
- ALBERTO, Antunes, et. al., *Dicionário Breve de Filosofia*, Editorial Presença, Lisboa, Abril 2000, pp. 23-27
- URL: <http://www.terravista.pt/ilhadomel/2276/amor.htm>
- URL: <http://www.vencedores.com.br/idade/amizade.htm>
- URL: <http://pessoal.onda.com.br/charlesb/texto/amisaris.htm>
- URL: <http://www.geocities.com/Athens/Forum/1608/farist.htm>
- URL: <http://www.terravista.pt/Bilene/7446/>
- URL: <http://www.vidaslusofonas.pt/aristoteles.htm>
- URL: <http://geocities.yahoo.com.br/seminarioaristoteles/aristoteles.html>
- URL: http://www.filosofos.com.br/respostas_internautas.htm
- URL: <http://www.terravista.pt/nazare/1946/m-fisica.htm>
- URL: <http://www.hottopos.com/videtur14/paulo2.htm>